

FATOS E NOTAS

NO CENTENÁRIO DE MIGUEL LEMOS (1).

Em 1954, a 25 de novembro, festejou-se o centenário de Miguel Lemos, o singular protagonista dessa aventura da filosofia europeia que foi, no Brasil, no dizer de Cruz Costa, o positivismo brasileiro. Ao próprio interesse que essa figura desperta acresce, para que o recordemos agora, a estreita ligação de sua origem e de sua família, com o Uruguai, — que ainda não foi suficientemente estabelecida nas biografias de Lemos de que temos conhecimento.

A *aventura* de Miguel Lemos teve início por ocasião de um exame que êle devia prestar, de mecânica geral, quando, aos vinte anos, cursava a Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Um dos seus companheiros recomendara-lhe como leitura muito proveitosa, a parte relativa à mecânica que se contém no primeiro volume do *Curso de Filosofia Positiva*, de Augusto Comte. “Como era de se esperar — escreveria mais tarde Lemos — de quem sempre subordinou as suas preocupações científicas às suas aspirações sociais, comecei a leitura pela parte geral do livro, e tive então a ventura de encontrar nos capítulos introdutórios o que eu em vão havia procurado até essa época: uma filosofia positiva, isto é, dotada do mesmo caráter de certeza peculiar às ciências já constituídas e abrangendo em sua coordenação os fenômenos políticos e morais. Foi, pois, em fins de 1874 ou princípios de 1875 que eu, pela primeira vez, travei conhecimento com a doutrina de Augusto Comte, nada tendo lido ou ouvido antes disto a tal respeito” (2). O mais viria por acréscimo, em rápida sucessão de acontecimentos pessoais e coletivos.

No mesmo ano de 1875 publicava êle um artigo de adesão às idéias filosóficas de Comte. Em 1876 participava Miguel Lemos na criação da que seria mais tarde chamada *Sociedade Positivista* do Rio de Janeiro que agruparia os primeiros comtianos brasileiros e, entre os patrocinadores, se destacava Benjamin Constant Botelho de Magalhães, o futuro fundador da República. Em 1877, suspenso por dois anos da Escola Politécnica do país, em virtude de um artigo escrito contra o então diretor daquela Escola, o Visconde do Rio Branco, viajaria Lemos para Paris, onde permaneceria até 1881 e

-
- (1). — E' com grande prazer que a *Revista de História* aqui transcreve, traduzido, o artigo de nosso amigo, o Prof. Arturo Ardao, da Faculdade de Humanidades de Montevidéu, autor de excelentes trabalhos relativos à história das idéias de seu país. Este artigo foi publicado no jornal *Em Marcha*, de Montevidéu (n.º 747), em 31 de dezembro de 1954.
- (2). — Veja J. Cruz Costa, *O Desenvolvimento da Filosofia no Brasil no Século XIX e a Evolução Histórica Nacional*, São Paulo, 1950, p. 155.

onde se decidiria definitivamente o seu destino filosófico e espiritual, depois de ali haver conhecido e tratado com os grandes discípulos de Comte, Émile Littré e Pierre Laffitte.

Quando Lemos partiu para a Europa, havia já assumido posição na clássica dissidência que dividia o comtismo em duas facções irreductíveis. Tôdas suas simpatias estavam do lado de Littré, o discípulo que se separara de Comte quando êste orientou seu pensamento para a concepção e organização da Religião da Humanidade e que agora enfrentava Laffitte, continuador de tôdas as doutrinas do Mestre e seu herdeiro no que se relacionava com o culto religioso positivista. Fôra através de Littré que Lemos chegara ao comtismo: em uma edição patrocinada por Littré havia êle feito a sua primeira leitura de Comte e na biografia dêste por Littré, formara Lemos as suas idéias sôbre a personalidade e a obra do fundador do positivismo. Uma forte prevenção contra a última etapa da carreira filosófica de Comte, interpretada como produto de loucura, lhe ficara de tudo aquilo.

Em Paris, seus primeiros passos foram dados, naturalmente, no sentido de vincular-se a Littré. A mais profunda decepção iria seguir-se, porém, a êste conhecimento. Certas lacunas que de antemão sentira na versão littreista do comtismo, ser-lhe-iam confirmadas pela personalidade de quem, segundo o juízo que depois chegaria a formular, “não passava de um erudito sêco, sem nenhuma ação social, insulado no seu gabinete [...] paciente investigador de vocábulos, sem entusiasmo, sem fé, absorvido pelas minúcias de uma erudição esteril” (3).

Tal decepção o impeliu ao encontro do grupo ortodoxo que se reunia no célebre apartamento de Comte, à rua Monsieur-Le-Prince 10, onde oficiava Laffitte. Foi aquêle o seu caminho de Damasco. A persuasiva eloquência, o reconhecido encanto pessoal do testamentário de Comte, rapidamente conquistariam Miguel Lemos. Acabava êle de descobrir o comtismo “verdadeiro”. Na sua ardente imaginação, a missão religiosa de Comte era reivindicada, quando ouvia a Laffitte. “As preleções duravam duas horas — escreveria Lemos mais tarde — e às vêzes mais, mas saía-se dali com o antegosto de uma regeneração universal. Sentia-se até um mundo novo, uma religião que surgia consagrada já pela abnegação dos adeptos e pelo martírio de seu fundador” (4). A seguir a isto, o *Curso de Filosofia Positiva*, de Comte, ao qual se atinha o littreismo, passaria para êle a segundo plano perante o *Sistema de Política Positiva*, a obra do Mestre que constituía a verdadeira Bíblia do comtismo religioso.

(3). — *Ibidem*, p. 164.

(4). — *Ibidem*, p. 165.

Em 1879 formulava Miguel Lemos ante o túmulo de Comte um voto consagrando-se inteiramente ao serviço da Religião da Humanidade. Em 1880 Laffitte decidiu fazê-lo sacerdote da Humanidade mas êle só aceitaria o título de “aspirante do Sacerdócio da Humanidade”. Em 1881 regressava Lemos ao Rio de Janeiro onde assumiu a direção da Sociedade Positivista, para transformá-la, em seguida, em virtude do caráter sacerdotal de suas funções, em “Igreja” ou “Apostolado Positivista do Brasil” (5). Êste instalar-se-ia em julho do mesmo ano, depois de haver recebido Lemos, de Laffitte, o título de “Diretor Provisório” do positivismo no Brasil. Tinha Lemos, então, 26 anos de idade.

Difundir o culto, organizar as tarefas próprias da doutrinação foram os objetivos imediatos de Miguel Lemos. Mas, também organizaria no mesmo grau de importância, a oportuna intervenção nos negócios públicos. Um forte sópro de renovação sacudia então a existência do Império. O espírito das velhas instituições caducava. A corrente republicana que abriu caminho desde a década de 60, fizera-se poderosa. A ela se incorporara o comtismo brasileiro desde antes da inflexão religiosa que Lemos lhe dera. Sob a direção dêste, se acentuaria a sua intervenção nas campanhas republicanas, fiel ao republicanismo do Mestre, sustentando a sua orientação de hostilidade ao liberalismo democrático. Democratas de um lado e positivistas comtianos de outro, adversos êstes à democracia, seriam, a seguir, as duas grandes classes integrantes da corrente republicana.

Em 1882 dar-se-iam as primeiras divergências na Igreja Positivista do Brasil, separando-se, entre outros, dela — sem deixar, porém, de ser comtiano — Benjamin Constant. Miguel Lemos encontrava-se então vigorosamente secundado por Raimundo Teixeira Mendes, seu antigo companheiro de Politécnica e que seria o outro grande *apóstolo* da Religião da Humanidade no Brasil. Em tais circunstâncias se produz a resoante ruptura do comtismo ortodoxo brasileiro, capitaneado pelo jovem Lemos com o patriarca Laffitte e seu grupo de Paris.

O que deu origem a esta ruptura foi uma série de vicissitudes e ela tornar-se-ia formal em fins de 1883, através de uma circular dirigida por Lemos “a todos os verdadeiros discípulos de Augusto Comte”. Rompia com Laffitte e chamá-lo-ia doravante de misticador e sofista, infiel às verdadeiras doutrinas do Mestre. Do mesmo modo haviam rompido com Laffitte em 1876, o inglês

(5). — No mesmo ano regressou a Montevidéu, vindo de Paris, José Batlle y Ordoñez que assistira, ao mesmo tempo que Lemos, as conferências de Laffitte na casa de Comte, sem que todavia essa prática o houvesse conquistado, como ainda há pouco se vinha sustentando. Sobre o problema das relações de Batlle y Ordoñez com Miguel Lemos, em Montevidéu e em Paris, veja o nosso trabalho *Batlle y Ordoñez y el Positivismo Filosófico*, 1951, pp. 56 a 61 e 198.

Congreve e em 1877 o martinicano francês Audiffreut. O chileno Jorge Lagarrigue e seu grupo acompanhariam Miguel Lemos nesta histórica ruptura que se consagraria com o nome de “Cisma do Ocidente” do positivismo, depois de motivar uma vasta polêmica na qual participaram positivistas do Brasil, do Chile, da França, da Inglaterra e da Suécia.

Em 1888 teve lugar no Brasil a abolição da escravatura, histórico acontecimento ao qual não foi alheia a pregação positivista. E em 1889 dava-se a queda do Império e a proclamação da República.

Muito se tem discutido até que ponto teve influência o positivismo na República. Mas ali, o positivismo foi apenas uma força concorrente. Em qualquer caso, a influência positivista maior não foi a do Apostolado mas sim, a heterodoxa, de Benjamin Constant, graças ao seu enorme prestígio pessoal na juventude militar, ao findar do Império.

Foi depois de proclamada que a República recebeu a colaboração do Apostolado — colaboração muito ativa durante dois meses, os de dezembro de 1889 e janeiro de 1890 — enquanto tomou parte no governo, o ortodoxo Demétrio Ribeiro, “filho exclusivo de nossa propaganda, diria Miguel Lemos, e que chegava ao poder com o programa positivista na mão” (6). As contribuições mais importantes dessa colaboração positivista foram a separação da Igreja e do Estado e a bandeira da República que introduziu a divisa comtiana — *ordem e progresso*. Mas o apostolado fracassou no seu empenho de impor, constitucionalmente, a *Ditadura Republicana* que Comte preconizava.

Numerosas são depois de 1890 as intervenções e declarações do Apostolado a propósito de diversos problemas, nacionais e internacionais, da nascente República. No cenário desta, queira-se ou não, Miguel Lemos chegou a ser uma importante personagem, somente como diretor daquele Apostolado, nunca se descuidando do que era, para êle, o essencial: sua missão religiosa. Em 1890 foi colocada a pedra fundamental do Templo da Humanidade, solenemente inaugurada em 1897, com boa concorrência de fiéis e de público, em cerimônia que marca o momento culminante da vida e da obra de Miguel Lemos.

Em 1903 cedia Lemos o seu posto a Teixeira Mendes, retirando-se definitivamente da direção do Apostolado, sem que, todavia, deixasse de acompanhar com tôda a fidelidade a ação do Apostolado até morrer, em 1917. Em Petrópolis onde faleceu, foram buscá-lo os positivistas para levarem-no ao Templo onde, revestido de suas vestes sacerdotais, foi velado. Desaparecia assim,

(6). — Cf. J. Cruz Costa, *ob. cit.*, pp. 236-237.

em meio ao respeito e a consideração de todo o Brasil, o homem que, graças ao fervor idealista de sua pregação, soubera servir, com austera rigidez os princípios a que aderira.

Miguel Lemos, como já dissemos, foi secundado e continuado com igual idealismo e igual austeridade por Raimundo Teixeira Mendes. Falecido êste em 1926 (ou 1927), a ação do positivismo religioso continua no Rio de Janeiro, no Templo da Humanidade, à rua Benjamin Constant, 74. Em outros Estados do Brasil também penetrou o positivismo, como no Rio Grande do Sul. Porém, acha-se agora em declínio, talvez com uma só exceção: "Curitiba, capital do Estado do Paraná — escreve em 1946, o mexicano Antonio Gomez Robledo (7) — é hoje provavelmente o único lugar no mundo inteiro em que o positivismo (na modalidade religiosa de Comte) está no auge e conquista prosélitos" (8).

*

Mencionamos, ao iniciar êste artigo, as ligações familiares de Miguel Lemos com o Uruguai. Assim é que, foi sua avó, a uruguaia Dominga Lerena que se casou em Canelones, em 1823, com Antônio Rodrigues de Carvalho, natural do Rio Grande, pertencente ao círculo de Lecor (9). Entre os vários descendentes, varões e mulheres, dêste casamento, conta-se D. Josefa Carvalho Lerena, mãe uruguaia de Miguel Lemos que foi, aliás, o primeiro fruto de sua união matrimonial com o tenente da armada brasileira, Miguel Carlos Correa de Lemos. Segundo informação que teve a gentileza de fornecer-me a Senhora D. Célia Carvalho Rodrigues, prima-irmã do procer positivista, uruguaia e residente em nossa capital, os pais de Miguel Lemos casaram-se em Montevidéu ao terminar a primeira metade do século passado, na residência dos Carvalho Lerena, à rua Buenos Aires entre as ruas Colon e Perez Castellanos.

Miguel Lemos nasceu pouco depois no Brasil, em Niterói, em 25 de dezembro de 1854. Logo, porém, a família radicou-se definitivamente em Montevidéu, dedicando-se o pai à exploração de um "Saladero", no Cerro. Aqui nasceram e viveram os restantes filhos do casal: Josefina, Juana, Júlia, Enrique, Maruja, Lúcia (10).

Enrique, o único irmão varão de Miguel Lemos, falecido há alguns anos em Montevidéu, onde passou tôda sua vida, foi ho-

(7). — Antonio Gomez Robledo, *La Filosofía en el Brasil*, México, 1946, p. 57.

(8). — Além das obras citadas, ver ainda: J. Camilo de Oliveira Tôrres, *O Positivismo no Brasil*, Petrópolis, 1943; Guilherme Francovich, *Filósofos Brasileños*, Buenos Aires, 1943.

(9). — Vimos uma cópia da certidão de casamento dos avós de Miguel Lemos (Arquivo do Historiador Juan E. Pivel Devoto).

(10). — Não nos foi possível localizar a certidão de casamento dos pais de Miguel Lemos; do nascimento de seus irmãos, só encontramos as certidões de Juana (Igreja de São Francisco, ano de 1857, Lo. 3.º, fls. 126) e Júlia (Idem, ano de 1870, Lo. 4.º, fls. 14).

mem de primorosa cultura. Deixou por doação da família valiosa biblioteca que é atualmente de propriedade da *Asociacion de Estudiantes Católicos*. Em matéria religiosa porém compartilhava das doutrinas de seu irmão. Ele e seu pai, falecido em princípios do século, foram, no nosso país, dos raros adeptos da religião positivista da Humanidade, convertidos, aliás, pela pregação de Miguel Lemos. Estes membros da família Lemos e o fundador da família Santayana, foram os poucos — senão os únicos que representaram, no Uruguai, o comtismo religioso, a partir do Apostolado que aquêle fundara.

Miguel Lemos viveu quando era menino, em Montevidéu, quando aqui se radicaram seus pais.

No colégio Uruguai onde fôra companheiro de Batlle y Ordoñez, estudou primeiras letras. Educou-se depois no Rio de Janeiro, passando dali a Paris, como já vimos. Depois de ter chegado à chefia da Igreja Positivista brasileira, só uma vez visitou, em Montevidéu, seus pais e avós (11).

Montevidéu, dezembro de 1954.

ARTURO ARDAO

da Faculdade de Humanidades da Universidade de Montevidéu (Uruguai).

(11). — Assim nos informa a Senhora D. Célia Rodrigues Carvalho que recorda havê-lo visto, mergulhado nas suas leituras positivistas, no pátio da casa dos avós, na rua Buenos Aires, pouco tempo depois de sua volta de Paris, ungi-do aspirante do Sacerdócio da Humanidade.